

"A VIDA NÃO É SOBRE NÓS"

Você não está no centro dos holofotes, o fundamento da vida não é ser um protagonista, é saber ser um participante. Por isso, cuidar de seus vínculos – no amor, na sociedade, na espiritualidade – é o que importa. É o que diz Nilton Bonder, o rabino que fala com fiéis de várias crenças

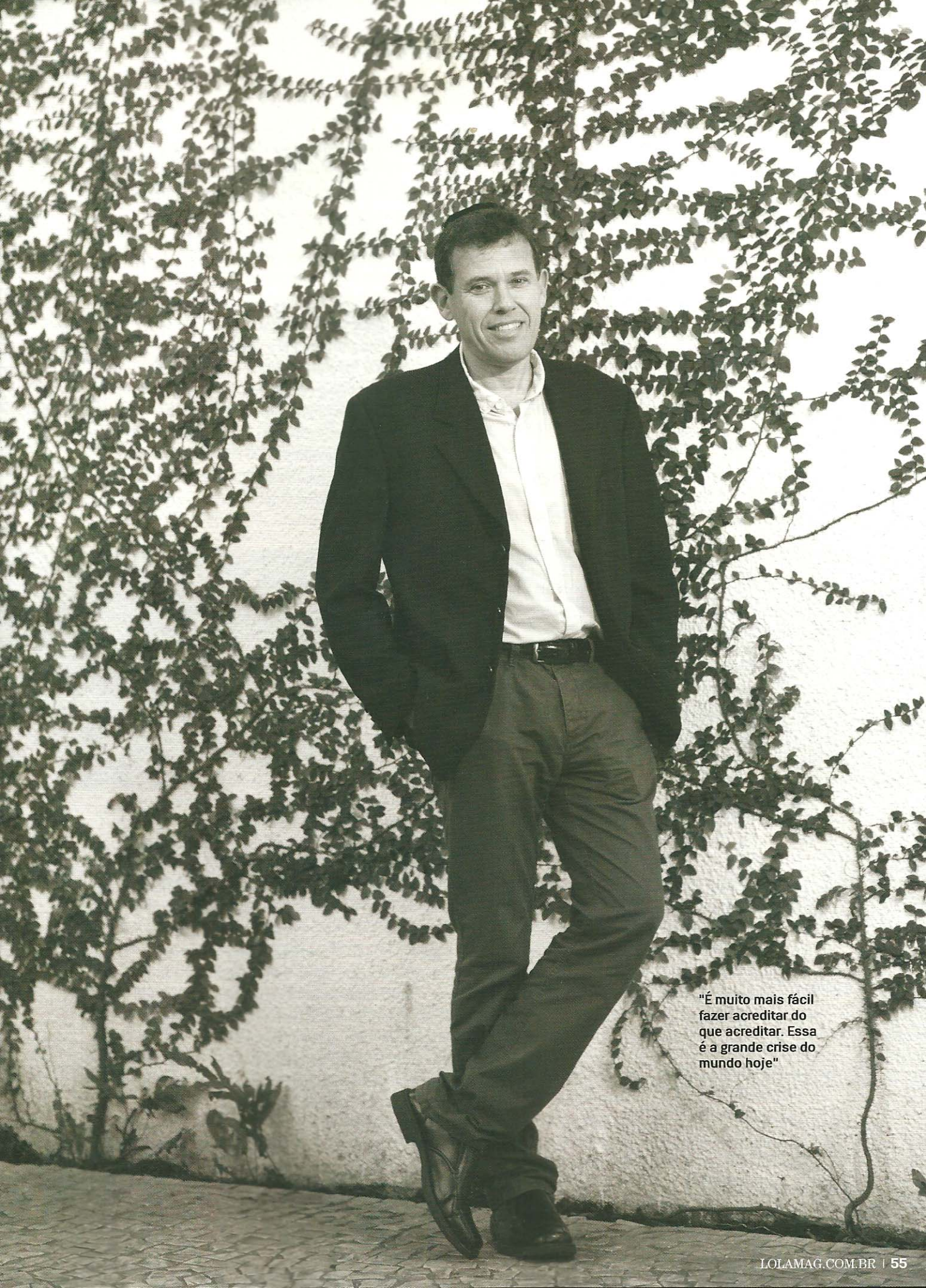
POR_CLARICE NISKIER • FOTOS_MARCELO CORREA

Nilton Bonder tem formação em engenharia mecânica, mas acabou optando por mexer em outras engrenagens. Rabino de tradição cabalística da Congregação Judaica do Brasil, o gaúcho radicado no Rio se transformou em um daqueles guias espirituais que sabem direitinho como fazer o mix entre sabedoria milenar e as velozes angústias do mundo contemporâneo. Tem uma obra que vai além do estritamente religioso e que, com toques de filosofia, toca fiéis de outras crenças – e até mesmo os mais incrédulos. Com títulos como *O Sagrado* e *Tirando os Sapatos*, já se contam em 20 seus livros publicados, muitos traduzidos em países como Estados Unidos, China e Alemanha. Bonder concedeu a entrevista que se segue a Clarice Niskier, atriz que adaptou para o teatro um de seus títulos, *A Alma Imoral*, e o transformou em uma peça já vista por 160 mil pessoas em 23 cidades brasileiras nos últimos seis anos. A conversa, deliciosa, passa por te-

mas como esperança, educação, certezas e sexo, mas tem um fio condutor: o de que o mais importante da vida é ter vínculos, no amor, na sociedade, na espiritualidade. “Quando alguém cuida do seu potencial, cuida do potencial de todos”, diz ele.

LOLA: Como cultivar a espiritualidade no dia a dia tão acelerado? Como inserir rituais em nosso cotidiano?

NILTON BONDER: As pessoas são diferentes, não tem uma fórmula geral. Na maioria das vezes, os rituais são pausas: quando você acende uma vela e quando reza, faz uma parada. É um olhar para a vida. Você está considerando o que na rotina você não considera, que é a passagem da vida. Todo o ritual é sobre o fim da vida. Todo. E ele é bonito por isso. A morte não passa muito pela vida da gente. “Morte” é a morte de seus avós, de seus amigos, de pessoas que estavam ali e que não estão mais, e você quer tirar algum sentido disso. Os rituais são âncoras na vida. >



"É muito mais fácil
fazer acreditar do
que acreditar. Essa
é a grande crise do
mundo hoje"

No livro *Tirando os Sapatos*, você fala de uma fonte onde os peregrinos descansam e bebem água, mas eles só podem matar a sede depois de encher uma garrafa para o próximo viajante. Um ensinamento e tanto sobre passagens e preservação da espécie.

Isso para mim é educação no sentido mais amplo. A nossa sociedade valoriza muito a individualidade. Ela não precisa necessariamente ser condenada, podemos aprender muito reconhecendo o direito de cada um ser quem é. Mas só vale para pessoas muito educadas. Para ficar individualizado, é preciso ser muito educado. Senão, você vira uma pessoa deplorável.

O maior compromisso espiritual é com nós mesmos ou com o outro?

Essa é uma questão superinteressante. O cerne da vida são os vínculos. Se a gente tentar só lapidar a nós mesmos, fica artificial. Muita gente já tentou se lapidar, ir para um buraco, meditar, ficar elevado, se iluminar, tudo no seu canto. Para a tradição judaica, esse não é um caminho, porque ele se dá sempre pelos vínculos. Só que a pergunta é esta: como você vai lapidar o outro, se entrar na vida do outro é uma ingerência não permitida? Aí tem essa coisa bonita da tradição hassídica, que olha para as relações para entender o mundo. É uma sabedoria de vilarejo: da fofoca e do conselho, dos amigos, da família, daquele povinho dali. Como existe o vínculo, você mexe com o outro quando você se esculpe. Quando alguém cuida do seu potencial, cuida do potencial de todos; quando descuida, descuida de todos.

E de onde veio essa ideia que temos de ser perfeitos, infalíveis?

É a primeira coisa que o texto bíblico fala. Na hora em que o homem teve consciência, sentiu vergonha. Vergonha tem a ver com perfeição. Se não sentíssemos nenhuma forma de vergonha, talvez perderíamos a necessidade de perfeição.

"NÃO ADIANTA SE ISOLAR
PARA TENTAR SE ELEVAR.
É PRECISO CULTIVAR O
VÍNCULO COM O OUTRO"

"GOSTO MUITO DE UMA FRASE
QUE DIZ: O PESSIMISTA É O
OTIMISTA COM EXPERIÊNCIA"

Muitas pessoas desqualificam o conceito de esperança, como sendo algo reacionário, ligado à estagnação. Para você, quando a esperança é revolucionária?

Só é revolucionário quando é para si mesmo, não quando aplicado ao outro. Quando você fala ao outro "tenha esperança", acho reacionário, sim. É uma tentativa de conformá-lo, de fazê-lo aceitar o destino. Mas não dá para desqualificar essa palavra. Quando uma pessoa, aos próprios olhos, não tem saída, precisa ter esperança.

O bom humor também está ligado a isso, não?

Claro, e é diferente de otimismo. O otimismo é reacionário. Gosto muito de uma frase dos israelenses, que são, às vezes, até por demais pés no chão. Eles dizem que o pessimista é o otimista com experiência [*risos*]. Mas o pessimista sem humor, sem esperança, é um reacionário também, é alguém que vai para um lugar que aparenta ser combativo, mas que não é. É um convite à estagnação.

Considero a história de Abraão, em que Deus pede o sacrifício do filho primogênito, exemplar do ponto de vista da tensão entre os opostos, você concorda?

Não só concordamos como a tradição judaica salienta isso. E é uma história difícil de ser entendida. Ela é tida como uma das coisas mais reacionárias, porque parece pedir uma obediência cega: obediência a dogmas, a uma voz maior, a uma entrega que é uma supressão de si mesmo. E não é isso. É uma história heroica, de uma pessoa com embates de uma profundidade tão grande que é capaz de sacrificar o filho. A maioria de nós sacrifica outras coisas, mas não aquelas que lhe são mais caras. É a diferença entre ter fé e ter crenças. Porque as crenças, muitas vezes, representam a incapacidade de estar disposto a sacrificar tudo em nome da vida.

Abraão não perde o foco nos fundamentos da vida. Se pudesse resumir, quais são eles?

O fundamento básico da vida é que não é sobre mim. A vida não é sobre o Nilton Bonder. Eu vivo a vida como se ela fosse toda para o Nilton Bonder. No próximo minuto tem uma coisa que o Nilton Bonder tem de fazer, é isso que me importa, mas tenho que entender o tempo todo: a vida não é sobre mim. Mas essa não é só uma má notícia – a de que você não está no centro dos holofotes. A boa notícia é que você faz parte da cena. O fundamento da vida é saber participar dela, mas não ser o protagonista. Ser um excelente ator, arrancar aplausos, ter prazer no que se está fazendo, ser espontâneo, verdadeiro, gracioso. Às vezes, pode-se roubar a cena, mas sabendo que não é o protagonista. Se tentar ser, e não for, provavelmente vai ser vaiado, por dentro e por fora.

maneira muito impressionante. Nosso corpo tem uma relação com o futuro muito mais profunda do que nossa consciência pode imaginar.

Qual parábola simboliza melhor nosso tempo?

Há uma em que os rabinos diziam que estava se aproximando um tempo de grande crise onde o mundo ia estar repleto de rabinos e com uma carência enorme de discípulos. Por que as pessoas querem ser rabinos e não discípulos? Porque é muito mais fácil fazer acreditar do que acreditar. A grande crise do nosso mundo é essa. As pessoas todas são empresárias de si mesmas, são os gurus de si mesmas, e aí todo mundo quer ensinar as verdades, todo mundo quer fazer os outros acreditarem em suas crenças. Mas as pessoas não estão acreditando, elas mesmas.

"Rico é quem é feliz com o que tem, sábio é quem aprende de todo mundo"



No livro *Portais Secretos*, você faz uma analogia surpreendente entre o dom profético de nossos antepassados bíblicos e o Windows (sistema operacional de computador). Como nos mantemos no aqui e agora para abrir essas janelas do futuro?

Qual a coisa mais conhecida da gente? A gente mesmo. Ao mesmo tempo, somos um mistério ambulante, inseridos em tantas coisas que não enxergamos. A história da espécie está totalmente entranhada em nós; a história do “para onde vamos?”, “de onde viemos?”, também. Fomos esculpados dessa história, mas não temos consciência dela. A vida é o gerenciamento dessa consciência reduzida, com o lugar que ocupamos na realidade, muito mais sofisticado do que conseguimos entender. Mas, se você ficar muito sensível, em você estão coisas do futuro, de uma

Por que as histórias são tão importantes? Por que a verdade é tão feia fora delas?

Quando a verdade vem sem histórias, deixa as pessoas nuas, expostas. A consciência do ser humano é um jogo complexo de espelhos, a gente não sabe o que fazer com ela direito. As historinhas falam para o outro, com muita educação, o que o outro precisa ouvir, mas deixando espaço para ele sair da sala posudo e tranquilo de que ninguém o viu totalmente pelado. Ele se viu, e isso já é o suficiente.

Aferrar-se às verdades absolutas tem a ver com as inseguranças?

Em parte, sim. Mas tem outro aspecto: a própria dinâmica da vida, que é muito complexa para essa conscienciazinha nossa. Para caber a vida dentro dela, a gente reduz as coisas. Toda verdade >

absoluta é uma redução. Quando uma pessoa tem certeza de que ela sabe, não tenha dúvida: é uma redução. Então, quando alguém diz assim, “eu sei”, pode ter certeza de que ele resumiu, acochambrou e fez uma verdade.

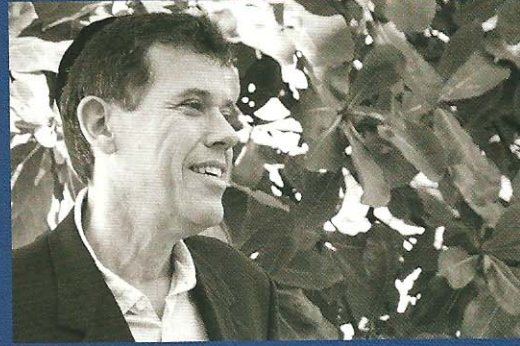
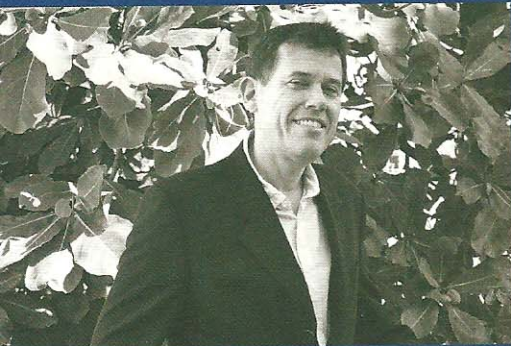
Qual o valor da dúvida? E quando a certeza é “dubem”?

É “dubem” sempre que você está preocupado consigo e com o outro. Tenho de ter cuidados de uma certeza que só serve para mim. Quando estou defendendo certezas que têm a ver com vínculos, então... vai fundo. Você pode estar errado, mas sua certeza é “dubem”. Nos textos milenares, o que é “dubem” e o que é “dumal” é muito claro. “Dumal” é quando é só para mim, o que é “dubem” é quando é para mim e para todos. E isso vale também para a dúvida.

está associado ao dever de multiplicar, criar, procriar, como o fruto. O ser humano, com sua consciência, diz: “Oba, olha uma coisa prazerosa”. Como ele é facilmente viciável, pensa: “Como posso fazer isso ser frequente? Muito frequente”. Vira um fetiche. Uma idolatria. Isso é querer tirar a essência do fruto, o aroma do fruto, que é para ser sentido em dado momento e, portanto, ter qualidade, que está associada aos deveres.

O problema é dissociar prazeres de deveres?

Sim, quando você os separa, vai ficando uma coisa perversa. A religião chegou a um determinado momento e disse: “Olha aqui, seus animais pensantes, não é isso, não. Não foca nesse prazer como se ele fosse sua redenção – é um vício, em algum momento ele vai levá-lo para um lugar destrutivo”. Daí fazer um



“A religião lembra que o sexo impõe deveres além dos prazeres”

Por que a cabala se manteve oculta por tanto tempo para os simples mortais?

Porque os simples mortais não têm interesse por coisas que não sejam simples. O ser humano gosta da experiência: eureka! A vida fica muito linda nesse momento que alguma coisa “bate”. Mas a cabala exige um envolvimento muito profundo. E, quanto mais você aprofunda os estudos, mais o seu eureka é cósmico, e não uma simples historinha com começo, meio e fim.

Por que o amor carnal e espiritual foram tão cruelmente separados? Por que as religiões focam tanto na repressão sexual?

Olhe uma fruta. É doce, é uma coisa maravilhosa. Ali dentro tem sementes. Há um projeto. E esse projeto cria os prazeres. Os prazeres estão associados aos deveres. O sexo, que é um prazer,

gerenciamento cuidadoso dessa fala, é muito difícil. A tradição judaica não abre mão da sexualidade, porque isso é uma das coisas mais maravilhosas da vida. Tudo que regulamenta a paixão pode ser esquisito, mas, se há muita educação e muita libido, isso vai para um lugar muito romântico e sagrado, muito bonito.

Sem estupro.

O estupro é o contrário da sexualidade. Agora, para ir para esse lugar do mais prazeroso é preciso ser muito corajoso, porque exige muita exposição. Por que as pessoas não querem amar? Preferem o fetiche, a masturbação, o estupro? Porque o amor é sempre uma incógnita. Quando você ama, você não tem controle. E as pessoas têm medo dessa experiência. E as que não querem ser transformadas fecham os ouvidos, os olhos, pois querem ficar no

"AS PESSOAS PREFEREM O FETICHE, A MASTURBAÇÃO, O ESTUPRO, PORQUE O AMOR É SEMPRE UMA INCÓGNITA"

lugar de controle, de não transformação. É difícil esse lugar amoroso, verdadeiro mesmo.

Nesse lugar amoroso, você iluminou a palavra traição, tirou do lugar da trapaça e colocou no lugar da evolução. O quanto essa traição é benéfica no casamento? Na vida pessoal e profissional de um modo geral?

Quando uma pessoa fica interessada em outra, eu não sei se ela deve ir às vias de fato, mas a pergunta é: o que fazer? Se a educação aparece impedindo o impulso e os desejos, é uma repressão, leva para um lugar ruim. A boa educação é você realmente trair, porque só pensar é trair, claro. Não tem como controlar essa traição. Olhou e ficou muito desejoso: usufrua desse desejo, ele é a vida. Se esse desejo for bloqueado na raiz, a vida vai ficar horrivelmente sem graça. O que fazer é uma gestão de si mesmo, a moral não tem como responder. Não existe um manual do que é certo. Não existe. E isso é muito difícil de explicar para o povo, para o coletivo.

Quem sabe um dia os heterossexuais, assim como os homossexuais, consigam ampliar seu lugar na cultura, inventar o casamento de uma forma mais ampla... Para que eu possa me casar com três homens...

Será um casamento bem tenso [risos]. Sim, você pode ter essa visão, mas tem de entender que esse lugar de espontaneidade total não é algo que a gente conseguiu fazer. Nós negociamos no passado e tivemos de fazer sacrifícios, não podemos ser ingênuos e acreditar que essas negociações não aconteceram. A cultura não veio de Satã, veio da gente. Você pode vislumbrar seu casamento com três homens no momento passional, mas depois tem que administrar tudo isso, o que será tenso. Há perguntas anteriores a isso: por que inventamos o casamento? Tem uma história por trás, se pudessemos entendê-la, diríamos: que incrível que alguém pensou nisso em contraposição a uma outra coisa pior. Mas os ajustes

são difíceis. Depois de uma boa ideia, são necessários muitos ajustes, é disso que estamos falando.

Do ponto de vista espiritual, como você vê o desejo de imortalidade do ser humano?

É um desejo que vem sempre com muita falta de educação; vem como um estupro: oba, quero viver para sempre, vou viver para sempre, eu quero, eu quero! Falta um pouco de percepção das coisas mais sutis da vida. Ao mesmo tempo, há uma legitimidade de enfrentamento do sofrimento. O ser humano tem essa vontade de enfrentar a morte, isso eu acho válido. Nesse processo, muita coisa vai se autoesclarecer.

O que é uma pessoa bem-sucedida para você?

A tradição judaica responde a essa pergunta na lata: quem é rico? Aquele que é feliz com o que tem. Quem é sábio? Quem aprende de todo mundo. Não é saber tudo. É aprender de todo mundo e de tudo. Essa pessoa é muito bem-sucedida. Aquele que conquista e se satisfaz, essa é a grande riqueza. O resto é luta, sempre.

Gilberto Gil canta: "Se eu quiser falar com Deus, tenho que ficar a sós". Quando Nilton está a sós com Deus, como fala com Ele?

Eu choro. Não é necessariamente um choro triste, mas é choro. Porque o choro é uma manifestação do coração partido. Quando seu coração parte, você consegue falar com Deus, vem a fala mais verdadeira. Agora, eu tenho clareza de que não adianta vir com o coração partido para Deus depois que eu fiz a prova para a qual não estudei.

Clarice Lispector escreveu: "Não se pode dar uma prova daquilo que é mais verdadeiro. O jeito é acreditar e acreditar chorando". Esse é o Nilton Bonder?

Totalmente. Acreditar chorando é estar com o coração partido. ☹

"PARA FICAR INDIVIDUALIZADO, É PRECISO SER MUITO EDUCADO. SENÃO, VOCÊ VIRA UMA PESSOA DEPLORÁVEL"